

O trabalho infantil hoje e em diferentes épocas: Uma nova Abordagem para o Ensino de História nas Séries Iniciais

Jaqueline Lesinhovski Talamini¹

Os professores das séries iniciais encontram muitas vezes grande dificuldade para lecionar a disciplina de História. Este fato se deve a uma formação tradicional em seu processo de escolarização e também pelo motivo de que nas séries iniciais não exige-se do professor formação específica na área.

Sabe-se da importância de se desenvolver desde cedo nos alunos a compreensão de que o ensino de História é vivo e dinâmico e que as pessoas constroem a História em seu dia-a-dia. Partindo deste princípio compreende-se que o ensino de História não pode ocorrer utilizando-se apenas do livro didático e da aula expositiva do professor.

Infelizmente muitos professores das séries iniciais, pelos motivos elencados acima, continuam ainda lecionando História da forma como foram ensinados, de maneira tradicional, em uma concepção voltada apenas para as memórias dos heróis da humanidade. É comum nesta etapa que alguns professores coloquem a disciplina de História em segundo plano, haja visto que tende-se a enfatizar mais as disciplinas específicas da alfabetização. Assim: “Verifica-se a posição secundária que o ensino de História continua a ocupar na divisão do tempo e espaço no cotidiano escolar. Toda a atenção está voltada para o processo de aquisição da leitura e da escrita”.²

Nesta forma de ensino, perdem professores e alunos. O aluno por agir como sujeito passivo em relação ao conhecimento, tem uma visão muito estreita deste, além de não apresentar interesse pelo assunto que é tratado. O professor por não saber agir de outra forma, perde a oportunidade de desenvolver aulas mais criativas e a compreender o processo pelo qual os alunos constroem sua aprendizagem.

No município de Araucária, no Paraná, abriram-se novas oportunidades para se discutir o assunto por meio de um curso na área de História, ministrado pela professora

Maria Auxiliadora Schmidt, no qual além dos professores de história que lecionavam para 5^a a 8^a séries, participavam também os docentes de 1^a série.

Neste curso os professores aprendiam por meio de uma pesquisa participante, ou pesquisa em colaboração. Os professores conheciam novas metodologias, aplicavam a aula em suas turmas e trocavam conhecimentos relatando o sucesso ou não de suas experiências. Ficou evidente a possibilidade de união entre ensino e pesquisa.

A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa.³

Uma das respostas para a deficiência na formação de professores e isto não se restringe apenas a área de História, é a possibilidade de que a pesquisa do professor seja realizada em seu próprio ambiente de trabalho, ou seja, a sala de aula. Neste sentido o professor deverá estar em contato com conhecimentos científicos e ao mesmo tempo dar “vida” a estes, através da aplicação de metodologias diferenciadas na prática pedagógica diária, sendo, portanto experiências comprovadas.

No campo da educação, pesquisar do ponto de vista dessa ênfase supõe buscar estratégias de mudança e transformação para melhorar a realidade concreta que se opera. O professor procura melhorar o conhecimento já existente, convertendo-o em hipóteses-ação, e procura estabelecer uma relação entre teoria, a ação e o contexto particular. Nessa ênfase de pesquisa, os problemas a serem pesquisados só surgem na prática e o envolvimento do prático é uma necessidade indispensável.⁴

A experiência relatada a seguir tem como cenário uma turma de primeira série da Escola Municipal Professor Ambrósio Iantas no município de Araucária no Paraná. Buscou-se desenvolver o tema sobre o trabalho infantil adotando uma metodologia diferenciada em sala de aula, utilizando-se de documentos históricos e compreendendo o aluno como sujeito de sua própria história, ou seja, um sujeito histórico.

A temática sobre o trabalho infantil foi iniciada solicitando aos alunos que representassem por meio de desenhos e textos as atividades ou afazeres que realizavam em suas casas. Cada aluno explicou para turma o que tinha desenhado e em seguida as produções foram colocadas em um mural na sala. Para dar continuidade ao tema os alunos foram incumbidos de realizar uma pesquisa com uma pessoa com mais de cinquenta anos.

Por meio de um questionário, os mesmos deveriam verificar como era o trabalho que o entrevistado realizava quando era criança, estabelecendo assim a relação entre presente e passado. Os alunos preencheram o questionário e também representaram com desenhos o que mais tinha lhes chamado à atenção na conversa. Mais uma vez cada aluno falou sobre sua tarefa para a classe.

A discussão sobre as entrevistas foi muito valiosa, pois a riqueza dos detalhes fez com que a turma toda se interessasse pela aula; os alunos puderam compreender que a História era feita por pessoas da vida real.

Com base nas duas realidades (experiência própria e entrevista), as crianças puderam tecer comparações e por meio delas compreender melhor a proposta do tema. Partir primeiro da realidade da criança antes de iniciar o conteúdo foi fundamental, pois os alunos se sentiram importantes e parte da História que estava sendo contada.

Assim, os conceitos históricos são compreendidos pela sua relação com os conceitos da realidade humana e social que o sujeito experencia. Quando o aluno procura explicações para uma situação do passado à luz da sua própria experiência, mesmo sem apreciar as diferenças entre as suas crenças e valores e as de outra sociedade, revela já um esforço de compreensão histórica.⁵

As memórias que as pessoas trazem sobre outras épocas também podem ser consideradas fontes de informações e pistas sobre o passado. Por meio de depoimentos orais os alunos podem analisar aspectos de uma época que já passou. Por isso em uma terceira etapa, a turma ouviu em sala de aula o depoimento de uma senhora da comunidade a qual relatou com detalhes como era sua vida na infância. Esta possibilidade pareceu surtir um efeito ainda maior sobre a turma que inclusive participou fazendo diversas perguntas para a entrevistada.

O depoimento oral trouxe uma outra realidade para a aula, pois a entrevistada mostrou uma parte mais formal do trabalho infantil ao relatar que tinha trabalhado em outros locais como empregada doméstica e babá e não só em sua própria família como relataram as pessoas da entrevista.

O trabalho realizado na referida escola buscou resgatar o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, mostrando que este não aprende agindo apenas como sujeito

passivo em relação ao que é repassado pelo professor. A experiência desenvolvida não serviu apenas para reforçar o conteúdo que estava sendo trabalhado em sala de aula, mas principalmente para dar um novo significado para as aulas, compreendendo o quanto o ensino de História é vivo e dinâmico e principalmente que os alunos fazem incontestavelmente parte dela. Assim:

Ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir História. O aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom – comumente ouvimos os alunos afirmarem: “eu não dou para aprender História” -, nem mesmo como uma mercadoria que se compra bem ou mal.⁶

A experiência do curso de História foi de grande importância para os professores das séries iniciais, pois possibilitou que estes tivessem a oportunidade de ver o ensino de História além da forma distante e fragmentada como haviam aprendido. Possibilitou também a consciência de que não deve haver separação entre ensino e pesquisa, ressaltando, portanto a necessidade e a importância do vínculo com a Universidade.

Quando esta forma de trabalho ensino/pesquisa ocorre, nota-se nitidamente a maior valorização que se dá ao trabalho desenvolvido pelos professores das séries iniciais. Muda-se a imagem do ensino marcado pela mera reprodução do senso comum, do trabalho visto com menor prestígio ou marcado muitas vezes por palavras pejorativas como ensino de tias ou de professorinhas.

A experiência relatada anteriormente pode ser vista como uma nova possibilidade na formação continuada do professor de educação básica, mostrando uma importante mudança de paradigma na ação docente, sobretudo dos profissionais que atuam nas séries iniciais.

Por meio desta experiência observa-se que o ensino de História não deve ser ignorado nos primeiros anos de escolaridade, nem tampouco ser reduzida a memorização de fatos e conceitos. O trabalho nas séries iniciais é fundamental para que o aluno construa a noção de pesquisa e do tratamento da informação disponível, pois isso ajudará na compreensão de que a História é sempre uma ciência em construção e não uma verdade absoluta sobre o passado.

¹ Professora da rede municipal do município de Araucária.

² OLIVEIRA, Regina Ferreira. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. **História & Ensino**, Londrina, v.9, p. 171-183, out. 2003.

³ SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002. p.57.

⁴ PEREIRA, Elizabete Monteiro de Aguiar. Professor como pesquisador: O enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: GERALDI, C; FIORENTINI, D; e PEREIRA, E. (orgs). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.163.

⁵ BARCA, Isabel ; GAGO, Marília . Aprender a pensar em História : um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga : Instituto de Educação e Psicologia. ISSN 0871-9187. Vol. 14, n.º 1 (2001), p. 241.

⁶ SCHMIDT, loc. Cit.